

CORPOS EM RESISTÊNCIA: AS POÉTICAS MIGRANTES DE WARSAN SHIRE, UPILE CHISALA E SAFIA ELHILLO

BODIES IN RESISTANCE: THE MIGRANT POETICS OF WARSAN SHIRE, UPILE
CHISALA AND SAFIA ELHILLO

Élen Rodrigues Gonçalves*

RESUMO

O presente artigo analisa questões de gênero, raça e sexualidade à luz das vozes poéticas diaspóricas de Warsan Shire, Upile Chisala e Safia Elhillo em contextos multiculturais. Além disso, a presente pesquisa analisa, por meio de nomes contundentes da crítica feminista, como Walters (2005), Gilbert (s/d), Mohanty (2003) e Hooks (2000), a tarefa social e política dessas poetisas que questionam os papéis que lhes são impostos na sociedade contemporânea, a fim de ultrapassar silêncios e marginalidades, bem como problematizar o patriarcalismo ainda vigente que dispersa a ideia da superioridade masculina.

PALAVRAS-CHAVE

Literaturas Africanas de Língua Inglesa; escritas de gênero; poesia diaspórica.

ABSTRACT

The present article analyzes issues of gender, race and sexuality in light of the diasporic poetic voices of Warsan Shire, Upile Chisala and Safia Elhillo in multicultural contexts. In addition, the present research analyzes, through the forceful names of feminist criticism, such as Walters (2005), Gilbert (s/d), Mohanty (2003) and hooks (2000), the social and political task of these poets by questioning the roles that are imposed on them in the contemporary society, in order to overcome silences and marginalities, as well as to problematize patriarchalism which dispels the idea of male superiority.

KEYWORDS

African literatures of english language; gender writings; diasopic poetry.

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Warsan Shire¹, Safia Elhillo² e Upile Chisala³ representam, hoje, no âmbito da poesia negra africana feminina, umas das revelações mais influentes da poesia contemporânea de língua inglesa. Em uma espécie de malabarismo cultural, suas poéticas buscam, na ancestralidade africana, cujas raízes se perdem nos frágeis desvios do tempo e da história de dominação e controle pelo qual passou o continente africano, ao longo dos séculos, uma série de questionamentos. Esse limbo da memória é revisitado pelas autoras, cujas linguagens fragmentadas e diretas, além dos versos curtos, porém profundamente densos, evocam, paradoxalmente, e a um só tempo, a necessidade de pertencimento em um país onde são estrangeiras e tampouco se sentem completamente inseridas, bem como a urgência de deslocamento, característica bastante comum na literatura diaspórica.

Por meio das obras *The January children* (ELHILLO, 2017), *Soft Magic* (CHISALA, 2015), *Nectar* (CHISALA, 2017) e *Teaching my mother how to give birth* (SHIRE, 2011), esta pesquisa analisa especialmente questões de gênero, sexualidade, raça e etnia à luz das indagações pessoais, evidenciadas em suas escritas, que são afetadas diretamente pela cultura e pela sociedade em que hoje residem. Suas reflexões perpassam por questionamentos relacionados não só às tradições, aos costumes e aos preconceitos – de seus países de origem e daqueles onde hoje vivem –, mas também pelo sentimento de distanciamento ao viverem em um país estrangeiro. Por não mais configurarem noção de lar, de volta às respectivas terras natais, esses sentimentos reposicionam-nas duplamente à margem.

A escrita dessas poetisas configura, portanto, a possibilidade de a mulher negra terceiro mundista ser ouvida, visto que, na tentativa de reconstruir ou renegociar culturas, geografias físicas ou simbólicas e, mesmo, linguagens, elas reconstroem, por meio das poéticas de seus próprios corpos, de suas sensualidades e sexualidades, uma realidade sensível, capaz de curar feridas históricas e de vivência.

¹ Poeta e ativista, Warsan Shire, natural de Quênia, vive, hoje, em Londres. É autora das obras *Teaching my mother how to give birth* (2011), *Her blue body* (2015) e *Our men do not belong to us* (2015). Sua escrita retrata os diálogos culturais, por vezes em conflito, por vezes em consonância, estabelecidos por identidades migrantes em meio à diáspora, em cujas raízes não conseguem mais encontrar uma identificação ou uma ideia de lar.

² Safia Elhillo é autora de *The January children* (2017). De origem sudanesa, hoje, vive nos Estados Unidos e sua poesia foi já publicada em veículos midiáticos e antologias, como *The BreakBeat Poets: New American Poetry in the Age of Hip-Hop* (2015). É, também, fundadora do grupo Slam NYU, da Universidade de Nova Iorque.

³ Nascida no Maláui, Upile Chisala vive, hoje, em Oxford, cidade em cuja universidade também estuda. É autora de *Soft Magic* (2017) e *Nectar* (2015). Hoje, prepara-se para publicar uma coleção de poemas temporariamente intitulado *Homeward, and launched Khaya Means Home*.

Nas narrativas desses corpos, trata-se a forma como suas identidades são reconfiguradas em movimento de diáspora, a fim de ir de encontro ao crescimento da “corporatização” de um feminismo moderno neoliberal e consumista – acentuado especialmente pela cultura americana – preocupado primariamente com o avanço das mulheres para a conquista da igualdade econômica entre elas e os homens. Além disso, a predominância de um ceticismo com relação à identidade na pós-modernidade tem estreitado as teorias e políticas feministas, cujas discussões sobre tais questões têm se tornado instáveis de tal forma que uma identidade “é vista como ingênua ou irrelevante, e não como fonte de conhecimento e base para uma mobilização progressiva.” (MOHANTY, 2003, p. 6, tradução nossa)⁴

A convergência de multiplicidades culturais em meio à busca pela (re)definição de identidades em contextos diaspóricos contribui, portanto, para renegociar as experiências e as subjetividades de mulheres negras. À luz de um debate sobre as fronteiras construídas pelo colonialismo britânico, bem como as promessas infinitas promovidas a partir do processo de descolonização, nota-se, para Mohanty, a formação de uma duplicidade das barreiras impostas, que, se por um lado, podem sugerir espaços de controle e, ao mesmo tempo, de segurança, por outro, e, principalmente nesse cenário, são as mulheres quem “geralmente pagam o preço por ousarem reivindicar a integridade, a proteção e a segurança de nossos corpos e nossos espaços de convivência.” (2003, p. 1-2)⁵

Chandra Talpade Mohanty, em *Feminism without borders* (2003), pretende, ao falar do feminismo, ultrapassar silêncios e marginalidades, problematizando a tensão existente entre o conceito plural e, ao mesmo tempo, estreito de fronteira, a fim de descentralizar as relações de poder na urgência de retirar do centro a atenção dada à Europa e/ou aos Estados Unidos, para movimentar da margem os povos do Terceiro Mundo⁶. A confluência encontrada no olhar crítico desta feminista em relação às

⁴ “is seen as either naive or irrelevante, rather than as a source of knowledge and basis for progressive mobilization”. Todas as traduções das citações neste artigo são de nossa autoria.

⁵ “women often pay a price for daring to claim the integrity, security, and safety of our bodies and our living spaces”.

⁶ Utiliza-se, neste texto, o termo “Terceiro Mundo” em respeito à escolha de Chandra Mohanty em sua obra. Segundo a autora, esse termo é utilizado para se referir não só a conjunturas geográficas como também sócio históricas que englobam não só as chamadas minorias como, sobretudo, pessoas de cor (2003, p. 44). Para Mohanty, incluem-se no Terceiro Mundo, geograficamente, a América Latina, o Caribe, a África Subsaariana, o Sul e o Sudeste asiáticos, China, África do Sul e Oceania. Todos eles englobam o conceito Terceiro Mundo não-europeu. Politicamente, acrescentam-se os negros, latinos, asiáticos, povos nativos dos EUA, Europa e Austrália (2003, p. 47). Incluem-se, nessas “minorias” que, ironicamente, é a maioria quantitativa no globo, questões políticas, econômicas, de cor e de gênero.

poetas se dá pelo fato de Mohanty também ser uma autora migrante, cujas origens encontradas na Índia pós-colonial possibilitaram-na a desenvolver uma consciência sobre o colonialismo britânico imposto em seu país, ao final do século XIX e ao longo das primeiras décadas do século XX, bem como as consequências e marcas deixadas pelo processo de descolonização.

Dessa forma, por acreditar que haja algumas limitações nos feminismos americanos e eurocêntricos, por serem privilegiados e, até mesmo, considerados estacionados, a autora explica que temas como descolonização, crítica anticapitalista e políticas da solidariedade serão centrais em sua obra, por meio dos quais será possível trabalhar a ideia de solidariedade feminista – que, segundo Mohanty, ultrapassa o conceito de sororidade (ou *sisterhood*) –, na medida em que engendra assuntos como “mutualidade, responsabilização e reconhecimento de interesses comuns como base para o relacionamento entre diversas comunidades” (2003, p. 7)⁷ e, assim, permite sobressair assuntos que, para a autora, são essenciais, entre os quais o feminismo antirracista e o feminismo internacionalista, ambos sem fronteiras.

Partindo de suas experiências pessoais para produzir uma crítica feminista, Mohanty propõe diminuir a lacuna existente entre os movimentos de mulheres e as teorias feministas discutidas nas academias, dentro das quais “se tornam um meio de avançar carreiras acadêmicas em detrimento de uma chamada para transformação social e econômica fundamental e coletiva” (2003, p. 6)⁸. Tal hiato, presente entre os entendimentos pessoal e profissional de feminismo e a teoria feminista coletiva, cuja pretensão é transformar a vida cotidiana das mulheres, converge profundamente com o pensamento poético de Chisala, Elhillo e Shire.

Em meio à realidade mais contemporânea, vem surgindo uma série de jovens poetas que escrevem em *Tumblr*, *Twitter*, *Instagram*, em meio às quais as três se encontram inseridas e cujos poemas talvez recebam uma receptividade ainda maior devido ao alcance indiscutível da internet, tanto que, para Amanda Hess, em seu artigo “Warsan Shire, a mulher que concedeu poesia ao *Lemonade*, de Beyoncé” (2016, s/p, tradução nossa)⁹, ao referir-se à recepção de sua escrita no meio digital – e cujo pensamento pode ser transferido também à receptividade das escritas de Elhillo

⁷ “mutuality, accountability, and the recognition of common interests as the basis for relationships among diverse communities”.

⁸ “becomes a way to advance academic careers rather than a call for fundamental and collective social and economic transformation”.

⁹ “Warsan Shire, the woman who gave poetry to Beyoncé’s ‘Lemonade’”.

e Chisala –, declara: “[...] ela já é conhecida para muitos como uma voz contundente para a feminilidade negra e africana diaspórica – uma voz particular que ressoa na era digital”¹⁰. Essa geração de jovens poetas, ao mesmo tempo em que revisita o passado histórico de sua família e de sua própria criação, lança um olhar ao futuro (OKEOWO, 2015), repensando o presente de forma crítica.

Pela identidade multicultural e transnacional que as poetas têm em comum, nota-se um movimento preocupado em suas escritas literárias sobre como os problemas de gênero são passados, de geração a geração, pelas mulheres de suas famílias. Muito embora elas não vivam mais em seus países de origem, marcados por ancestralidade e tradicionalismos seculares, tais convenções atravessam continentes incólumes por meio de suas famílias. Elhillo, Shire e Chisala revelam, portanto, por meio de uma linguagem resiliente, celebradora do corpo negro feminino, a forma como têm transgredido os padrões familiares pré-estabelecidos tão fortes mesmo no ocidente.

Sandra Gilbert e Susan Gubar (s./d.) levantam questionamentos pertinentes sobre a literatura de autoria feminina de língua inglesa, produzida a partir do século XIX, bem como sobre seu lugar em meio a uma cultura essencialmente patriarcal. Para elas, é natural considerar que, inicialmente, tais literaturas tenham assimilado e confrontado não só as conquistas de suas predecessoras, mas também as tradições de gênero. Além disso, as autoras criticam a história literária apontada por Harold Bloom – inspirado nas teorias do desenvolvimento psicosssexual masculino e feminino de Freud –, que exclui a participação feminina da tradição literária ocidental, orientando sua visão teórica a partir da ideia de “influência de ansiedade”¹¹, fechando a figura feminina em um contexto patriarcal e reduzida a estereótipos que se chocam com a sua própria identidade, ou mais, com a própria subjetividade, autonomia e criatividade.

Se, por um lado, Gilbert e Gubar observam que os precursores masculinos das escritoras femininas tenham simbolizado autoridade, por outro, as autoras apontam que eles falharam em definir as formas pelas quais as mulheres experienciam suas próprias identidades como escritoras, visto que essa “influência de ansiedade” pode exercer, sobre a escrita de autoria feminina, a crença de que uma mulher jamais

¹⁰ “[...] she is already known to many as a compelling voice on black womanhood and the African diaspora – one particularly resonant in the digital age”.

¹¹ “influence of anxiety”.

poderá tornar-se uma precursora. Devido a isso, Gilbert e Gubar ressaltam que a luta das escritoras femininas, ao longo dos séculos, não se dá contra a leitura de mundo masculina, mas sim contra a visão masculina sobre as mulheres.

Para definirem-se como escritoras, portanto, é preciso que se redefinam socialmente. Por isso, “a escritora feminina [...] procura um modelo feminino, não porque ela quer respeitosa e obedecer às masculinas definições de ‘feminilidade’, mas porque ela precisa legitimar seus próprios esforços rebeldes”¹² (GILBERT; GUBAR, s./d., s./p.). Em concordância com a teórica Elaine Showalter, para a qual mulheres escritoras habitam uma subcultura literária, com suas próprias tradições e inabitada por homens escritores (GILBERT; GUBAR, s./d., s./p.), Gilbert e Gubar ressaltam que, se hoje, mulheres escritoras têm a autoridade de escrever, isso só se deu, porque mulheres dos séculos anteriores lutaram para conquistar um espaço de autoria.

Ainda assim, as autoras apontam para o fato de que existe um lado negro dessa subcultura literária feminina quando a luta pela criação de autoria feminina é vista por meio do contexto psicossocial descrito por Bloom à luz das teorias de Freud. Para ir de encontro a essa perspectiva de Bloom, portanto, é necessário lançar um olhar atento para as produções femininas, cujas escritas desafiam os pilares que moldaram a sociedade – patriarcado e racismo –, desafiando as definições de gênero e sexualidade.

Por esse viés, nota-se que a escrita de Warsan Shire, Safia Elhillo e Upile Chisala tem outro ponto em comum: a preocupação em falar sobre a mulher negra migrante, com a intenção de suprir uma falta que, para bell hooks (2000), é uma necessidade atual mesmo nos movimentos feministas contemporâneos. Para a estudiosa, feminismo é, acima de tudo, sobre direitos iguais, um movimento que busca pôr fim ao sexismo, à exploração sexista e à opressão, a fim de desmistificar a ideia erroneamente dispersada de que o movimento seja antimasculino, mesmo porque, vale ressaltar, “todos nós, mulheres e homens, fomos socializados desde o nascimento a aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexistas quanto homens” (HOOKS, 2000, p. viii)¹³.

¹² “the woman witer [...] searches for a female model not because she wants dutifully to comply with male definitions of her own ‘femininity’ but because she must legitimize her own rebellious endeavors”.

¹³ “all of us, female and male, have been socialized from birth on to accept sexist thought and action. As a consequence, female can be just as sexist as men”.

O infortúnio de uma sociedade patriarcal, para hooks, sustenta-se no fato de que homens aprendem que são superiores a mulheres e, por isso, acreditam que podem e têm o direito de exercer algum poder sobre nós. Creem que podem ser dominadores, opressivos, exploradores e, sobretudo, violentos, para que o patriarcado se mantenha intacto e para que não percam o controle de que um dia esse sistema possa repentinamente mudar, acarretando a perda de seus privilégios. A autora observa o mal entendimento dispersado sobre a ideia de que o movimento feminista seja antimasculino deve-se ao fato, especialmente, da mídia de massa patriarcal perpetuar a noção de que o feminismo que conhecemos é aquele ligado às lutas das mulheres pela igualdade de salários ou mesmo de deveres domésticos e de paternidade. Tais mulheres são normalmente brancas, privilegiadas e lutam pela descriminalização do aborto, para assumirem sua homossexualidade, para enfrentarem estupros e violências domésticas e, por fim, pela igualdade de gênero no local de trabalho, especialmente, em relação a salários iguais para trabalhos iguais.

Contudo, uma problemática enfrentada pelo movimento é que, embora muitas mulheres tenham entrado no mercado de trabalho e sejam independentes financeiramente, mesmo que muitas delas sejam o arrimo da família, a criação em uma sociedade fundamentalmente cristã obriga-as a acreditarem que o lugar da mulher ainda é subordinado à casa e aos afazeres domésticos. Nesse ambiente, a dominação do homem, de forma física ou não, é ainda intacta. Por isso, o foco do movimento tornou-se um esforço total para se criar justiça de gênero. No entanto, observa hooks, “elas não poderiam se unir para promover o feminismo sem antes confrontar nosso próprio pensamento sexista. O movimento jamais seria poderoso se as mulheres estivessem competitivamente em guerra entre si.” (2000, p. 3)¹⁴. Dessa forma, foi essencial que passassem a discutir, além da luta pela igualdade de gênero, problemas de classe, raça e mesmo sexualidade, a fim de se criar uma plataforma política que pudesse atender a todas as diferenças.

Ainda assim, hooks ressalta que muitas feministas negras não têm recebido a atenção merecida pela mídia de massa, tampouco dentro próprio movimento – assim como lésbicas brancas – evidenciando seu lugar de marginalidade. Isto nos permite entrever que as exceções, que normalmente ocupam as margens, não são propriamente ouvidas, além do fato de estas já estarem em desacordo com as

¹⁴ “women could not band together to further feminism without confronting our sexist thinking. Sisterhood could not be powerful as long as women were competitively at war with one another”

feministas reformistas, cujo projeto recaía unicamente na luta pela igualdade entre homens no sistema vigente, mesmo porque, tal igualdade se daria entre mulheres e homens brancos, de forma que, a mulher negra se encontraria duplamente à margem em meio à supremacia branca.

A força, portanto, da escrita de Chisala, Shire e Elhillo se dá pelo reconhecimento de que o discurso feminino detém um poder que é capaz de transgredir os discursos dominantes e promover estratégias de reescrita que repensam o lugar de mulheres na sociedade contemporânea. O corpo feminino é, de acordo com hooks uma das formas mais poderosas de enfrentamento promovido pelo movimento feminista contemporâneo, para desconstruir a ideia de que o valor de qualquer mulher estaria sujeito aos modelos de beleza pré-concebidos pela sociedade para agradar unicamente os gostos masculinos. Ademais, a luta pela liberdade sexual veio necessariamente acompanhada de discussões em torno de métodos contraceptivos eficazes e da possibilidade do aborto, questões urgentes que obrigavam a sociedade a repensar como eram tratados vários assuntos como educação sexual, cuidados pré-natais, cuidados preventivos de saúde, esterilizações forçadas, cesarianas desnecessárias etc., de forma que mulheres passaram a ser convidadas a aprender com seus próprios corpos, prestando atenção ao seu funcionamento¹⁵.

Tais poetisas desafiam, além disso, os estereótipos criados em torno da mulher negra imigrante. A escrita de mulheres negras, portanto, para a poeta negra e ativista Mahogany L. Browne, “trata de como nós nos criamos, como nós nos recriamos, como nos renomeamos, enfim, como trazemos nossos ancestrais para dentro, e como convidamos aqueles que não nos servem para fora” (JORDAN, 2018, s/p.)¹⁶. Em detrimento da aceitação dos paradigmas estabelecidos pela cultura dominante que, naturalmente, exclui, marginaliza, explora e violenta a menos favorecida, a formação de uma política de identidade permite que se transforme a forma como as mulheres negras em contextos diaspóricos têm se apropriado da palavra poética.

Visto que suas vidas são marcadas por fronteiras simbólicas, mas instáveis, suas poéticas são espaço de negociação das histórias de suas próprias mães, irmãs, avós, que reconstróem as vidas e as tradições em meio à realidade europeia ou

¹⁵ Ressaltamos que tais preocupações eram promovidas essencialmente pelo bem-estar de mulheres brancas de classes privilegiadas, com o único intento de prevenir contra gravidezes indesejadas, destacando, por conseguinte, as questões especialmente relacionadas ao aborto.

¹⁶ “is about how we create ourselves, how we re-create ourselves...how we rename ourselves, how we bring our ancestors into the room, and how we invite those that don't serve us out”.

americana. Da mesma forma, suas poesias representam a edificação da palavra poética “construindo, sobre o poder da poesia americana [e europeia], um desafio para a linguagem colonial e patriarcal; nossas irmãs que dissolveram as expectativas definidas para limitá-las, mostrou-nos em contrapartida um verso sem fronteiras” (SHENODA, 2017, s/p.)¹⁷.

Nessa perspectiva, Wendy Walters (2005), em sua obra *At home in diaspora*, realiza uma pesquisa sobre a forma como os autores negros contemporâneos, vivendo em vários continentes, autodefinem-se em meio às multiplicidades culturais. Com a intenção de liquefazer as organizações de literatura, dividida em categorias fixas – como Literatura Brasileira, Literaturas Africanas, Literatura Inglesa etc. – a fim de intervir nessa ordem geográfica de produção cultural que as caracteriza por meio de uma cartografia física, a autora atende às múltiplas tensões que opõem movimento à estase, ou migração à moradia, para compreender e analisar literaturas de diáspora – como identidades culturais em movimento –, especialmente aquelas produzidas por autores negros, que reconstroem, em suas escritas, a noção de lar, ao mesmo tempo que criticam as marginalizações de sua terra natal ou daquela na qual passaram a residir.

Tais identidades, para a autora, são duplamente deslocadas¹⁸ porque produzem uma literatura que discute, primeiramente, sobre “a discriminação sofrida pelas pessoas de cor em quaisquer países organizados explícita ou implicitamente por meio de princípios da supremacia branca, e em segundo lugar, [sobre] um movimento real para fora desse país, para longe desse lugar no qual eles (ou seus pais) uma vez tenham chamado de lar.” (2005, p. xiii)¹⁹

Para Walters, a escrita de tais autores diaspóricos constitui uma revisitação incessante do passado social da escravidão, que deixou uma herança latente na sociedade contemporânea, visível a partir da discriminação e do racismo, com o objetivo de restabelecer “não um, mas, às vezes, múltiplos eus resistentes” (2005, p.

¹⁷ “building on the power of American [or European] poetry, challenging the language of the colonial and the patriarchal; our sisters who have dissolved the expectations set to limit them and have instead shown us a boundless verse”.

¹⁸ Wendy Walters usa o termo “doubly displaced” para referir-se a autores que, primeiramente são diaspóricos, para tornarem-se, em segundo lugar, migrantes, por isso, duplamente deslocados (2005, p. xv).

¹⁹ “the discrimination suffered by people of color in any country organized explicitly or implicitly around principles of white supremacy, and second by an actual movement out of that country, away from a place that they (or their parentes) may once have called home”.

xiv, tradução nossa)²⁰. Essas escritas, ao mesmo tempo memoriais e performáticas, explicam o poder da autoria de diáspora, visto que problematiza os conceitos de lar e discute questões pertinentes e necessárias na atualidade, como identidades raciais, comunidades diaspóricas e nacionalidades pós-coloniais. (WALTERS, 2005, p. xv)

Por isso, Walters observa a forma como autores negros em diáspora reconstróem suas identidades, que, em deslocamento, são profundamente influenciadas pelas ideias pessoais e únicas de lar (*home*), embora, vale ressaltar, não haja, por parte de tais autores, um interesse de um retorno a *home* (seja a noção particular de casa, seja o país de origem), criando, segundo a teórica, uma negação, uma rejeição da identidade nacional por seus status como migrantes.

Há que se discordar, nesse ponto, de Walters, especialmente, à luz da leitura das poetas em análise, visto que, por meio delas, pode-se notar que nem sempre ocorre por parte dos autores diaspóricos uma necessária negação de sua identidade nacional. Há, na verdade, uma transformação dessa identidade única que, agora, tornou-se multicultural, consubstanciando, portanto, uma identidade a qual une, a um só tempo, aquilo que a pessoa reconhecia de si, em sua primeira casa local, e o que ela tornou a ser em seu segundo lar, sua casa global, pela experiência do deslocamento, do conhecimento de novas culturas, novas línguas, novos costumes, enfim, novos povos.

Por outro viés, concorda-se com Walters quando esta defende a ideia de que diáspora nada mais é do que a representação de “um local múltiplo, plurilocal e construído de casa, evitando, assim, ideias de fixidez, limites e exclusividade nostálgica tradicionalmente implicados pela palavra *home*” (WALTERS, 2005, p. xv)²¹. Em vista disso, mais do que uma *performance* literária, a ideia de identidade diaspórica na literatura é, sobretudo, um ato político, na medida em que seu maior interesse se encontra nas particularidades em que são redefinidas as identidades à proporção que a ideia física e subjetiva de lar é transformada.

Começando, portanto, pela leitura de Warsan Shire, poeta e ativista somaliana, crescida em Londres, o poema intitulado “A boca de Maymuun” (2011, p. 10)²²:

Maymuun perdeu o seu sotaque com a ajuda de sua Community College local.
Várias noites ela me faz ligações interurbanas para discutir os prós e os contras de
esquentar melão no micro-ondas para remover pelos do corpo. Sua nova voz é

²⁰ “not one but sometimes multiple resistant selves”.

²¹ “a multiple, plurilocal, constructed location of home, thus avoiding ideas of fixity, boundedness, and nostalgic exclusivity traditionally implied by the word *home*”.

²² “Marymuun’s Mouth”.

sofisticada. Ela foi levada para dançar na frente de estranhos. Ela mora ao lado de um dominicano que lhe fala em espanhol toda vez que se encontram nos corredores. Eu sei que ela sorri para ele, dentes da frente manchados de flúor da água de casa. Ela está tendo novas experiências. Nós entendemos. Nós recebemos as suas fotos de pé em uma ponte, o cabelo que ela odiou em toda sua vida, escorrido como um desfiladeiro. Semana passada sua secretária eletrônica atendeu. Eu imaginei-a alçada pela cintura, calçando meias, aprendendo a beijar com sua nova língua.²³

Pela identidade multicultural e transnacional de Maymuun, Warsan Shire mostra como a personagem é capaz de rapidamente redefinir a ideia de seu lugar de pertencimento, uma vez que o eu poético, sustenta, ao mesmo tempo, um caráter afetoso e conflituoso em seu íntimo, quando observa cuidadosamente as mudanças físicas e comportamentais de Maymuun, questionamentos aparentemente singelos, mas cujas reflexões perpassam por indagações sobre identidades raciais e diaspóricas em constante busca por pertencimento e representatividade na sociedade.

Em tom de prosa poética e com uma linguagem enxuta e fragmentada, que confere caráter de maior rapidez de leitura, característica própria das redes sociais as quais Shire frequentemente posta, a fim de abarcar em seus poemas problemáticas que evidenciem toda a alteridade, o outro, muitas vezes além de nosso alcance, mas que, ao mesmo tempo, constitui quem somos nós. Como poeta africana anglófona em cujas temáticas trata de questões universais como a angústia pela busca de pertencimento, espacial ou simbólico, a violação do corpo feminino em obediência aos padrões pré-estabelecidos pela sociedade, entre outros aspectos, seu trabalho torna-se uma forma crítica pensar a contemporaneidade.

Mesmo em forma de linguagem poética, Shire, como sujeito de direito, representa a capacidade de se poder falar por e para outros que não têm voz. Trata-se, portanto, de uma representação ética, visto que se fala em nome de um outro e se exerce, por isso, uma responsabilidade sobre sua imagem. Contudo, ressaltamos que muitas vezes tal representação ética pode ser perigosa, considerando que, se a sociedade atual se legitima pela categoria da diferença, naturalizando a ideia de que há geralmente uma suposta relação de superioridade e inferioridade entre as pessoas,

²³ “Maymuun lost her accent with the help of her local Community College./ Most evenings she calls me long distance to discuss the pros and cons of heating molasses in the microwave to remove body hair. Her new voice is sophisticated. She has taken to dancing in front of strangers. She lives next door to a Dominican who speaks to her in Spanish whenever they pass each other in hallways. I know she smiles at him, front teeth stained from the fluoride in the water back home. She’s experiencing new things. We understand. We’ve received the photos of her standing by a bridge, the baby hair she’d hated all her life slicked down like ravines. Last week her answering machine picked up. I imagined her hoisted by the waist, wearing stockings, learning to kiss with her new tongue”.

deve-se estar atento pra não se perpetuar essa noção deturpada, tampouco retirar a voz daquele que foi silenciado.

Seguindo a mesma trajetória, a poeta sudanesa radicada nos Estados Unidos, Safia Elhillo “entrou no cenário da poesia contemporânea com uma força linguística marcante”, como observa Mathew Shenoda (2017, s/p)²⁴. Em meio a um malabarismo linguístico, que transita entre a língua inglesa e as inflexões da língua árabe, a poeta tem a intenção de observar, criticamente, o lugar que o Sudão ocupa, geográfica e racialmente, no norte da África (SHENODA, 2017), bem como de valorizar sua cultura a partir de uma espécie de hibridismo linguístico. Em seu poema “asmarani²⁵ faz uma oração” (2017, p. 1)²⁶, cria-se a ideia de que tudo que é perdido será nomeado:

verdadeiramente tudo o que está perdido será
nomeado & não retornará
mas viverá para sempre

& verdadeiramente uma ferida fronteira
será profundamente limpa por canções que dão nome
à garota negra em particular verdadeiramente ela
não será curada mas verdadeiramente os fantasmas
não a deixarão em paz verdadeiramente quando lhe perguntarem como
ela conseguiu seu nome como se dissesse a verdade ela
dirá [uma mulher morreu & tudo
precisa de um lar]²⁷

Se tudo o que é perdido será nomeado, portanto, mesmo que não volte a ser o que era antes, “viverá para sempre”, da mesma forma, as identidades diaspóricas, em constantes migrações, têm que aprender a nomearem-se para não se perderem nesse processo de reconstrução de sua identidade africana diaspórica. No caso de Elhillo, essa reconstrução se dará “por meio da poesia que reconhece de uma só vez suas profundas raízes africanas, mas não se envolve em uma nostalgia ou essencialismo

²⁴ “entered the contemporary poetry scene with a striking linguistic force”.

²⁵ Aquele cuja pele é mais escura (ELHILLO, 2017).

²⁶ “asmarani makes a prayer”.

²⁷ verily everything that is lost will be
given a name & will not come back
but will live forever
& verily a border-shaped wound will
be licked clean by songs naming
the browngirl in particular verily she
will not heal but verily the ghosts will
not leave her alone verily when asked how
she got her name if telling the truth she
will say [a woman died & everything
wants a home]

como tiveram feito os poetas africanos das gerações anteriores” (SHENODA, 2017, s/p.)²⁸.

Pelas repetições do adjunto adverbial “verdadeiramente”, em meio a um verso livre, prosaico e com ausências de pontuações, conferindo-nos a ideia de que as perquirições lançadas pelo eu poético são urgentes e necessárias, lançam-se questões concernentes à sua herança histórica e fraterna, às relações fronteiriças, físicas ou simbólicas, estabelecidas sobre a mulher de pele negra. A solidão, profundamente ligada à figura feminina de cor, é o legado do sujeito poético feminino que acompanha o silêncio da necessidade de se conceber uma ideia de lar. Solidão e silêncio são atavismos de um processo de colonização que obliterou a identidade sudanesa, destituindo-lhe a consciência de sua própria identidade.

Mais do que pertencimento, Elhillo discute em seu poema questões relacionadas à raça, que refletem sua vida pessoal como mulher negra americano-sudanesa e muçulmana em diáspora, em que, seja no Sudão, seja nos Estados Unidos, nutre o sentimento de ser diferente, sustentando, portanto, uma identidade multicultural e fragmentada, cujas raízes são carregadas de riqueza e, ao mesmo tempo, talvez difíceis de serem recuperadas pela genealogia do tempo. Essa dupla identidade pode ser muito bem encontrada em sua escrita poética que estabelece, em sua obra, um misto entre a linguagem inglesa e a arábica.

Enquanto Elhillo trata da dificuldade de uma identidade diaspórica amar e ser amada em meio às diferenças, e Shire revela assuntos difíceis, delicados demais para serem discutidos sem causarem desconforto ainda hoje, mesmo em uma sociedade considerada cada vez mais aberta a discussões, ao abordar em seus poemas, temáticas como abusos travestidos de formas de amor, como em Maymuun, que “violenta”, de certa forma, seu corpo para adaptar-se à nova vida, Chisala, por sua vez, de uma forma mais branda, mas não menos contundente, representa a voz da mulher negra que se eleva em meio aos padrões sociais pré-estabelecidos, com os quais não se identifica, a fim de revelar a aceitação do corpo feminino negro não estandardizado, mas singular e especial em sua beleza única.

A ideia principal a ser defendida, nos três poemas analisados, é a concepção de uma África cujas fronteiras sejam flexíveis, portanto, globais. Esse ponto de vista

²⁸ “through poetry that at once recognizes its deep-seeded African roots but does not engage in a nostalgia or essentialism as had been done with previous generations’ African poets”.

de uma identidade africana que seja maleável está fortemente presente em Upile Chisala, no seguinte poema:

Não posso ser apenas uma mulher negra que se ama em paz?
Sem ter que explicar por que minha pele
(seja de um claro mel ou de melaço)
é um sonho?
Por que meu cabelo
(crespo ou liso)
é uma coroa?
Não posso ser apenas uma mulher negra que ama ser uma negra
mulher?
Sem ter que se desculpar
ou ser humilde
ou ser educada sobre isso.
Droga!
Quem mais tem que se justificar por se amar dessa forma?
Quem mais tem que lutar pelo direito de se achar uma
benção?
Poxa vida,
Não posso ser apenas uma mulher negra que se ama em paz??!?
(CHISALA, 2017, p. 18)²⁹

Em meio à realidade multicultural, transnacional e diaspórica, é profundamente necessário dar atenção às diferenças, ou mais, como evidencia o poema acima, permitir que as diferenças emergem na sociedade em toda sua beleza e diversidade.

Os questionamentos lançados pelo eu poético, de encontro à personagem Maymuun, de Shire – que se esforça para atender aos padrões de beleza estabelecidos e perpetuados pela sociedade branca dominante –, por exemplo, são necessários para ajudar a moldar um novo pensamento global, a fim de se nutrir um senso de unidade sem subjugação de qualquer raça ou etnia. Para isso, se

²⁹ Can't I just be a black woman that loves herself in peace?
Whitout having to explain why my skin
(be it light honey or molasses)
is a dream?
Why my hair
(coarse or sleek)
is a crown?
Can't I just be a black woman that loves being a black
woman?
Without having to be sorry
or humble
or polite about it.
Damn it!
Who else has to justify loving themselves like this?
Who else has to fight for the right to call themselves a
blessing?
Goodness,
Can't I just be a black woman that loves herself in peace??!?

normalmente o corpo sexuado da mulher é espaço para violência, nesse caso, torna-se um ambiente para a possibilidade de formação de uma nova autoconsciência feminina que vai ao encontro das mulheres de nosso próprio tempo, caracterizadas por suas particularidades e individualidades.

A escrita de Chisala, portanto, oferece-nos uma certa forma de distorção do presente a partir da reescrita da realidade vista por uma nova perspectiva. Por meio da literatura, abrem-se novos mundos possíveis a partir de uma trajetória que movimenta o lugar de marginalidade para o empoderamento, considerando que não só as africanas, mas as mulheres de cor de todo o mundo sofrem subordinações e discriminações pela questão de gênero. Por esse motivo, é necessário que surja entre elas um movimento global de sororidade, a fim de que se destituam as marcas comuns de exploração e subordinação que as unem.

Logo, poetas como Chisala, Elhillo e Shire têm dado voz às mulheres negras historicamente esquecidas ao longo dos séculos, empoderando-as e dando-lhes a oportunidade de calar o silêncio paralisante, representando-as em sua coletividade.

Livre da obediência a um padrão de beleza a ser seguido pela sociedade ocidental, o eu poético do poema de Chisala engaja-se em um espaço poético que não só ajuda a redefinir padrões de beleza por meio da aceitação da diversidade. Em meio à realidade multicultural, transnacional e diaspórica, é profundamente necessário dar atenção às diferenças, ou mais, como evidencia no poema, permitir que as diferenças emergjam na sociedade em toda sua beleza. Os questionamentos lançados pelo eu poético, de encontro a personagem Maymuun, de Shire, que se esforça para atender aos padrões de beleza estabelecidos e perpetuados pela sociedade branca dominante, são necessários para ajudar a moldar um novo pensamento global que crie um senso de unidade sem subjugação de qualquer raça ou etnia.

REFERÊNCIAS

CHISALA, Upile. *Nectar*. s/l, 2017.

_____. *Soft Magic*. s/l, 2015.

ELHILLO, Safia. *The January children*. Nebraska: African Poetry Book Series, 2017.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. Infection in the sentence: the woman writer and the anxiety of authorship. S/D. s/p. Disponível em:

<<https://firstyear.barnard.edu/infection-sentence-woman-writer-and-anxiety-authorship>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

GUPTA, Ananya. Safia Elhillo delivers sharp, candid poetry performance. *The oberlin review*. 2017. Disponível em: <<https://oberlinreview.org/14218/arts/safia-elhillo-delivers-sharp-candid-poetry-performance/>>. Acesso em: 26 set. 2018.

HESS, Amanda. Warsan Shire, the woman who gave poetry to Beyoncé's 'Lemonade'. *The New York Times*. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/04/28/arts/music/warsan-shire-who-gave-poetry-to-beyonces-lemonade.html>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

HEYES, Cressida. Identity Politics. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/identity-politics/>>. Acesso em: 26 set 2018.

HOOKS, bell. *Feminism is for everybody: passionate Politics*. Cambridge: South End Press, 2000. Disponível em: <https://excoradfeminisms.files.wordpress.com/2010/03/bell_hooks-feminism_is_for_everybody.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2018.

JORDAN, LaToya. At the centre of Hip-Hop and Poetry. *Poets & Writers*. 2018. Disponível em: <https://www.pw.org/content/at_the_center_of_hiphop_and_poetry>. Acesso em: 26 set. 2018.

MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism Without Borders: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham, London: Duke University Press, 2003.

OKEOWO, Alexis. The Writing life of Warsan Shire, a young, prolific poet. *The New Yorker*. 2015. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/the-writing-life-of-a-young-prolific-poet-warsan-shire>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

SHENODA, Mathew. Verse Africa: the malleable poetics of some contemporary african poets. *World literature today*, 2017. Disponível em: <<https://www.worldliteraturetoday.org/2017/september/verse-africa-malleable-poetics-some-contemporary-african-poets-matthew-shenoda>>. Acesso em: 26 set. 2018.

SHIRE, Warsan. *Teaching my mother how to give birth*. UK: Mouthmark Series, 2011.

WALTERS, Wendy W. *At home in diaspora: black international writing*. London, Minneapolis: University of Minnesota, 2005.

*Recebido em 14/01/2019.
Aprovado em 16/03/2019.*